

RELAÇÕES AMOROSAS NA CONTEMPORANEIDADE: IMPASSES E AVANÇOS NA CONSTITUIÇÃO DOS LAÇOS AFETIVOS

Frederico Gonçalves Rodrigues¹, Ingrid Teixeira Astenreiter¹, Kamila Pinotti Segrini de Mattos¹, Marcélia Batista Nascimento¹

Ricardo Santos Rodrigues²

1. Formandos em Psicologia pela Faculdade Brasileira - Multivix Vitória.

2. Psicólogo pelo Unicentro Newton Paiva e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Docente do curso de Psicologia da Faculdade Brasileira – Multivix Vitória.

RESUMO

O presente artigo propõe a elaboração de uma revisão bibliográfica sobre a temática das relações amorosas na contemporaneidade, abordando seus impasses e avanços na constituição dos laços afetivos. Autores como Zygmund Bauman, Antony Giddens, Jurandir Freire Costa, Joel Birman, entre outros, serão nossas principais referências. A fragilidade dos laços humanos é uma tese constatada nas ciências sociais, humanas e principalmente na psicologia. A concepção apresentada neste estudo traz considerações da sociologia, em que as relações amorosas são compreendidas como um empreendimento público que está sendo ressignificado. Nesse sentido, há aspectos psicossociais importantes envolvidos nos múltiplos modos de amar na contemporaneidade. Esta análise se baseia no mundo líquido, compreendendo as relações amorosas como uma prática social, mas vivenciada de maneira divergente pelos sujeitos. Esta forma fluída concebe os fundamentos das relações amorosas na contemporaneidade.

Palavras-chaves: Relações Amorosas; Contemporaneidade; Mundo Líquido; Customização.

ABSTRACT

This article proposes the elaboration of a bibliographical review on the theme of contemporary love relations addressing their impasses and advances in the constitution of affective bonds. Authors such as Zygmund Bauman, Anthony Giddens, Jurandir Freire Costa, Joel Birman, amongst others will be our main references. The fragility of human bonds is a thesis found in social sciences, humanities and especially in psychology. The conception presented in this study brings considerations of sociology in which the amorous relationships are understood as a public enterprise that is being redetermined. In this sense, there are important psychosocial aspects involved in the multiple ways of loving in the contemporary world. This analysis is based on the liquid world which comprehends love relationships as a social practice although experienced divergently by each agent. This fluid form conceives the foundations of amorous relations in the contemporaneity.

Keywords: Amorous Relationships; Contemporaneity; Liquid World; Customization.

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade abarca uma série de processos de aceleração e modificações na vida do sujeito, influenciando todo seu funcionamento. Bauman (2004) instituiu o conceito do mundo líquido, para caracterizar o ritmo e a fluidez das coisas no contemporâneo. Para ele, o processo civilizatório do sujeito aponta para o fracasso das relações sociais devido às diversas transformações, em que tudo é superficial e descartável.

É possível articular os conceitos de “ser” e “ter”, abordados por Fromm (1983), que convida a uma reflexão sobre o distanciamento dos sentidos dessas expressões que estão intimamente relacionadas à construção das relações na contemporaneidade. No âmbito do “ser”, as relações são baseadas no respeito e compreensão do outro, diante de suas fragilidades e de

suas qualidades, em que o casal aceita as diferenças e vive a singularidade da relação, sem a ideia de usar o outro para a satisfação de uma das partes apenas. Já para as relações embasadas no conceito do “ter”, afirma que elas trazem uma sensação de posse, em que os membros da relação pertencem um ao outro, assim como um objeto de desejo e consumo, que é interessante até surgir algo mais atrativo.

Em resumo, consumir é uma forma de ter, e talvez a mais importante da atual sociedade abastada industrial. Consumir apresenta qualidades ambíguas: alivia ansiedades, porque o que se tem não pode ser tirado; mas exige que se consuma cada vez mais, pois o consumo anterior logo perde a sua característica de satisfazer. Os consumidores modernos podem identificar-se pela fórmula: eu sou = o que tenho e o que consumo (FROMM, 1983, p. 45).

É nesse contexto que o sujeito contemporâneo está inserido e a sua maior preocupação é tornar-se vendável para ser visto, requisitado e consumido pelo outro. Bauman (2001) afirma que o homem imerso na sociedade do “ter” atrela suas emoções aos bens externos e torna-se viciado, consumista, escravizado pela imposição da moda e com necessidade de ser objeto de desejo para o outro. Dessa forma, há um consumo e descarte exacerbado de coisas e pessoas, aumentando o sofrimento e adoecimento das relações, pois considera que o modelo de amor sofreu uma baixa, em que as pessoas apresentam uma série de vivências relacionadas com a palavra amor. Noites de sexo isoladas são mencionadas pela expressão de “fazer amor”.

O sujeito moderno é egoísta e incapaz de desenvolver sentimento de amor pelo outro e muito menos por si mesmo. “O amor próprio é construído a partir do amor que nos é oferecido por outros.” (BAUMAN, 2004 p.100). Sua fuga, então, é vestir-se de uma máscara social para tamponar sua pobreza existencial. Por essas experiências radicais que produzem sofrimento e alienação ao sujeito que se doou ao seu consumidor egoísta, as relações amorosas concretas em muitos casos são substituídas pelas relações virtuais.

Bauman (2008) cita também a ideia dos “relacionamentos de bolso”, no qual o sujeito é comparado a um objeto que pode ser utilizado em caso de necessidade e, posteriormente, guardado para um próximo uso. A mídia também entra em cena, fazendo seu papel de grande incentivadora para a propagação da moda do “ficar”, das trocas de parceiros contínuas para aquisição de novas experiências afetivas sem a criação de vínculos ou laços de amor, intensificando ainda mais o descarte de pessoas e sentimentos. Nesse contexto, o desenvolvimento do sentimento amor deu lugar ao medo exagerado de ser usado ao máximo e jogado fora ao final.

Bauman (2004) destaca que “nenhum marinheiro atualizado perderia tempo consertando uma peça sem condições para a navegação, preferindo trocá-la por outra sobressalente. Mas na balsa do relacionamento não há peças sobressalentes.” (BAUMAN, 2004, p.31). Assim, a aproximação do outro é relacionada a uma situação ameaçadora, capaz de desestruturar o funcionamento do sujeito, sendo, portanto, preferível manter distância para a própria proteção. Ainda é possível apontar que o homem imerso na liquidez da contemporaneidade responsabiliza o outro por todos os infortúnios e minimiza a condições precárias enquanto homem social, contribuindo com a imposição do medo crônico frente às relações amorosas. Nessa perspectiva Bauman (2004) considera que:

Na medida em que os relacionamentos são vistos como investimentos, como garantias de segurança e solução dos seus problemas, eles parecem um jogo de cara-ou-coroa. A solidão produz insegurança – mas o relacionamento não parece fazer outra coisa. Numa relação, você pode se sentir tão inseguro quanto sem ela, ou até pior. Só mudam os nomes que você dá à ansiedade. (BAUMAN, 2004, p. 30)

Entretanto, May (1982), citada por Santos (2010), destaca que o medo da solidão ainda é uma forte característica do homem da contemporaneidade, pois é como se fosse insuportável para ele se sentir só. Ainda em nossa cultura permanecer só é como se dizer que algo não está bem. Então, as pessoas estão buscando divertimentos, amizades muitas vezes superficiais para se esconderem da solidão, relações amorosas sem nenhum tipo de compromisso, com a finalidade de não enfrentarem os impasses da vida e atender aos moldes vigentes, pois os casais refletem a própria sociedade, demonstrando ser aparentemente resolvidos e interligados entre si, mas ansiando por uma relação segura e buscando de uma maneira ou de outra se relacionar.

Arelado a isso, para Castells (2000), citado por Guedes e Assunção (2006), a sociedade contemporânea traz consigo a era digital, que anda de mãos dadas com o individualismo e o capitalismo, surgindo assim os relacionamentos online. Uma das formas encontradas para o estabelecimento de contato, que se destaca entre outros aspectos, na possibilidade de mascarar características existentes nos indivíduos, sendo então as pessoas percebidas por aquilo que querem aparentar ser. Assim, os efeitos das relações online podem ser comparados ao mesmo que ocorre nas novelas, no qual são criados personagens para o cumprimento de determinados papéis, permitindo que seja visto apenas o que for conveniente.

Para Moser (1994), citado por Guedes e Assunção (2006), existe uma grande perda na qualidade da relação, dificultando o reconhecimento de expressões reais de emoção e seus significados de forma individualizada, que é base para o exercício da alteridade e da intimidade. Dessa forma, relações online são consideradas pela maioria como inferiores e rasas se comparadas com as face a face, devido à forma superficial de se relacionar, geralmente característica deste tipo de relação.

Entretanto, contrariando as teses negativas sobre as relações cibernéticas, Walther e Tidwell (1996), citados por Guedes e Assunção (2006), afirmam que a forma oferecida pelas conversas online permite revelar os atributos físicos favoráveis e omitir os desfavoráveis. Valorizam também a possibilidade de melhor elaboração das conversas, beneficiando a escolha dos assuntos, formas de expressão e redefinição dos temas abordados, o que não seria facilmente elaborado em uma conversa com presença física, na qual as expressões não verbais transmitem as emoções. Sendo assim, devido à rapidez com que acontece e a exposição que causa, a relação online acaba por promover maior percepção de existência do próprio sujeito que está neste contexto, escolhendo como quer ser visto pelos outros de acordo com o que ele percebe que o outro quer conhecer dele.

Guedes e Assunção (2006), ao se referirem às novas configurações dos relacionamentos amorosos, afirmam que há um processo de ressignificação e subjetivação. Considera ser um momento desafiador de transição na esfera amorosa, visto que a forma e velocidade que

ocorrem vão interferir no volume e instabilidade do relacionamento, que fragilizados tendem a perecer, dando origem a novos modelos.

Além disso, Schoebi et al. (2012), citado por Costa e Mossman (2015), analisaram que é necessário um investimento por parte do casal para resolver seus problemas e obter os resultados satisfatórios, evidenciando, assim, um desejo de permanecer junto. Essa atitude vai no sentido contrário ao imediatismo, intolerância, descompromisso e inconstância, presentes no cenário atual.

Ademais, Bauman (2004) destaca que a palavra relacionamento remete à compromisso, afirmando ser necessário doar-se por completo e dedicar sentimentos para conquistas à longo prazo. Aponta também que a exclusividade na relação conduz para a construção do sentimento sólido. Porém, não nega a existência de um sofrimento na dedicação e abdicação de novas oportunidades.

Um especialista informa aos leitores: Ao se comprometerem ainda que sem entusiasmo, lembrem-se que possivelmente estarão fechando a porta a outras possibilidades talvez mais satisfatórias e completas. Outro mostra-se ainda mais insensível: “A longo prazo, as promessas de compromisso são irrelevantes. Como outros investimentos, elas alternam período de alta e baixa” E assim, se você deseja relacionar-se, mantenha distância; se quer usufruir do convívio, não assumam nem exija compromissos. Deixe todas as portas sempre abertas. (BAUMAN, 2004, p. 10)

As novas expressões que caracterizam estas formas de relacionamentos são investigadas por Oliveira et al. (2007), mostrando que entre a população jovem e adolescente é comum ouvir o “ficar”, o “pegar” e o namorar, atribuindo um nível de envolvimento, liberdade e compromisso das relações. O termo “pegar” seria um acontecimento sem previsão, espontâneo, sem compromisso preestabelecido e instigado inicialmente pelas atrações físicas. O “ficar” é considerado o que antecede ao namoro, em que os protagonistas assumem certo compromisso e promovem encontros frequentes. Já o “namoro”, exige um grau de maior envolvimento afetivo, de respeito e comprometimento para com o outro. Com o passar do tempo, a relação passando a ser estendida às famílias, coroa a relação como séria e estável. Outro ponto importante também observado em uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro por Jablonski (2001), citado por Falcke e Zordan (2010), demonstra que os homens têm o discurso condizente com a libertação das mulheres, mas que em muitos casos isso não ocorre, pois a maioria ainda busca em um relacionamento a mulher “cuidadora”.

Para Santos (1996), citado por Baroncelli (2011), os homens buscam amar uma mulher que cumpra os antigos papéis de esposa, como cuidar da casa e dos filhos, mas em outro momento, buscam a mulher provedora e capaz de contribuir com a resolução dos problemas que surgem no cotidiano.

Assim, a humanidade líquida estando neste carrossel de exclusão e inclusão traz dúvidas sobre a construção do amor nas relações afetivas. Bauman (2008) questiona se os amores são baseados no que o outro é ou no que ele possui. Diante do contexto, a moralidade líquida opta pelas relações vantajosas, em que o estranho passa a ser importante na medida que proporciona prazer e satisfação ao outro. Essa relação egoísta é mantida até que seja usufruído tudo o que é considerado objeto de desejo e, então, ao tornar-se obsoleta, o sujeito é dispensado.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente artigo realiza uma revisão bibliográfica, ou seja, o levantamento de materiais e dados foi realizado em material já divulgado (GIL, 1996). De acordo com Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é a apuração integral do que fora publicado. Sua intenção é permitir que o pesquisador acesse todo material disponível sobre um dado assunto. Pode ser considerado o início crucial de toda a pesquisa científica.

O estudo teve como ponto inicial o levantamento de artigos publicados sobre o tema. Foram considerados artigos de autores nacionais, tendo em vista o objetivo de conhecer as publicações gerais sobre o assunto. Para atender o objetivo proposto deste estudo, buscou-se utilizar artigos disponíveis nas bases de dados publicados em SCIELO BRASIL (Scientific Electronic Library Online) e PEPSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia).

A pesquisa foi iniciada com levantamento nos sites utilizando as principais palavras chaves que envolvem este trabalho: relações amorosas e contemporaneidade. Nessa busca acadêmica, ao pesquisar artigos que continham as palavras chaves, foram encontrados diversos, mas, utilizados um total de onze artigos, treze livros e uma monografia.

Na pesquisa por artigos não houve seleção de filtros. Não foram utilizados aqueles que não abordavam a temática proposta, nem os que, apesar de portarem as palavras chaves, não apresentavam as hipóteses pretendidas e os objetivos que motivaram a realização deste trabalho.

RESULTADOS

O presente estudo retrata uma revisão bibliográfica sobre o amor nas perspectivas de alguns autores contemporâneos, como Zygmund Bauman, Antony Giddens, Jurandir Freire Costa, Joel Birman, entre outros que vêm abordando esta temática como prática psicossocial construída por meio das relações amorosas “fluidas” que se reafirmam na contemporaneidade, permitindo formas diversas de experimentar e viver essas relações.

A literatura consultada indica uma miscigenação nas concepções de amor, ou seja, ele ainda apresenta amplos componentes do elemento romântico, entretanto, absorve cada vez mais elementos que no passado foram designados de amor ardente. Deste modo, as pessoas continuam buscando as emoções da paixão, juntamente com a segurança que o amor carrega por meio da confiança produzida em um relacionamento. Esta dupla condição introduz certo descontentamento e, ao mesmo tempo, uma busca incessante para a realização deste desejo. Atualmente, o amor apresenta uma nova concepção, uma nova “modelagem” para ainda permanecer no ideário humano. Tanto o sexo quanto o amor são vivenciados de formas distintas, muitas vezes com a presença apenas da satisfação momentânea, lançando mão das “relações de bolso”.

Giddens (1993) concorda com Bauman (2004) em relação à transformação das relações afetivas e a intimidade, atribuindo à mulher grande importância no processo de reestruturação do gênero, como fonte libertadora de sua condição. O que lhe era anteriormente imposto, na modernidade observa-se maior questionamento em um processo constante de gênero, identidade e manutenção das relações sociais.

De acordo com Bauman (2004), os progressos tecnológicos, econômicos, científicos e culturais propiciaram mudanças no processo de formação, conceituação e constituição das relações amorosas. A contemporaneidade vem sendo influenciada por esses processos, assim como o “amor líquido” representa a fragilidade dos laços humanos e a flexibilidade na forma em que são vividos.

Costa (1998) defende que o amor romântico ainda exerce grande influência sobre o ocidente, identificando as diversas mudanças pelas quais o amor desembocou, dentre elas o ideal de felicidade pessoal, a frustração de não ter vivenciado um amor idealizado, bem como as consequências que acarretam vários sentimentos, tais como tristeza, arrependimento e impotência. Para ele, é necessário desatar todos os sentimentos de culpa, a fim de vivenciar o amor de maneira singular.

Trata-se de uma forma de se sentir, criado pela sociedade atual e caracterizada pela “modernidade líquida”, por eliminar a responsabilidade dos relacionamentos concretos e duradouros, já que poucas coisas parecem ser estáveis e imutáveis nesta sociedade. O amor está sendo construído como algo mais flexível, divergindo do significado de durabilidade e perenidade presentes nas relações mais antigas.

Para Birman (2012), o homem moderno se dirige para as extraordinárias transfigurações de identidade influenciado pelos avanços sociais, e nessa relação vai dando sentido à vida, elaborando os males que o afronta.

Assim, Bauman (2004) destaca que há uma intensa construção e desconstrução em um movimento de eterno “devir”, no qual vão se redescobrimo e ressignificando em uma dialética que perpassa o âmbito social, cultural e econômico. Não se deseja declarar que as relações amorosas estejam em processo de falência, mas o oposto, pois também se verificou que atrelados às mudanças carregadas de sofrimento também se fizeram presentes aspectos de natureza importantes, que enriquecem a experiência da relação amorosa, juntamente às novas formas do indivíduo estar no mundo, passando por processos de metamorfoses, impactando e sendo impactado por elas.

DISCUSSÃO

Para compreender melhor quão intensas são as modificações nas relações amorosas na contemporaneidade, é preciso analisar as formas de construção desses vínculos nos tempos passados. De acordo com Luz (1982), citada por Rolim (2009), no século XIX, o modelo de casal era constituído pela ideologia do amor eterno, verdadeiro e único. O casamento possuía características bem demarcadas, estava relacionado à infinitude e sua sede era o lar. Ao homem era atribuído papel de provedor, com o comando de tudo e a mulher teria como predicado o sacrifício e a abdicção. A forma de ela exercer sua função era assumindo seu posto de esposa, mãe e administradora da casa.

Assim sendo, o amor romântico estabeleceu a ideia de lar, maternidade, patriarcado e a relação entre os pais e filhos; componentes que impactaram principalmente o “ser mulher” neste contexto. “As ideias sobre o amor romântico estavam claramente associadas à

subordinação da mulher ao lar e ao seu relativo isolamento do mundo exterior.” (GIDDENS, 1993, p. 54).

Araújo (2002) assinala que a formação do relacionamento amoroso associado à sexualidade, união e amor foram inventados pela burguesia. Da antiguidade à idade média, o casamento não era caracterizado por ser uma relação amorosa que envolveu, mais tarde, os sentimentos atuais. O modelo inicialmente vivenciado se estabelecia como um contrato envolvendo a riqueza das famílias e dois indivíduos que não relacionavam essa união ao prazer. Paixão, vontade de estar junto, identificação com o escolhido ou escolhida não estavam em questão. O adultério praticado pelos homens nessa época era a forma mais próxima de trazer para esse tipo de relação algo da ordem do prazer. Portanto, a modernidade, inventando o amor romântico, enunciou uma nova forma de se relacionar que sublevoou e renovou os modos de vida pessoal, social e familiar. Forma essa que rompeu com alguns paradigmas e instaurou novos.

Mais tarde, mudanças significativas nas relações amorosas surgiram com a marcante presença de reivindicações por parte das mulheres que questionaram sua qualidade de vida, cidadania, relacionamento afetivo, igualdade no trabalho e salário, trazendo à tona até mesmo a possibilidade de escolha quanto a se casar ou não. O movimento feminista proporcionou denúncia às desigualdades existentes, questionamento dos papéis ao qual a mulher estava submetida, buscando uma nova configuração, mais participativa no âmbito social, familiar e do trabalho (GIDDENS, 1993).

Diante dessas conquistas, as mulheres assumiram responsabilidades fora do contexto do lar - como os homens -, ficando mais preocupadas, competitivas, independentes e estressadas; porém, mais donas dos próprios desejos, dos seus corpos e de suas vontades de amar. Logo, com a emancipação da mulher perante a sociedade, as prioridades sofreram alterações, tanto para elas quanto para os homens (GOLDENBERG, 1997).

Assim, a fim de analisar os fenômenos que ocorrem hoje, é necessário observar dois polos existentes: a dor e o prazer da possibilidade de acessar coisas e pessoas de maneira rápida e muitas vezes sem a criação de laços afetivos. As conexões existentes entre as pessoas não são resistentes, não possuem garantias de permanência. Diante disso, elas sentem a necessidade do estabelecimento de conexões, porém, com certo distanciamento, utilizando, por exemplo, as redes sociais, que permitem o rompimento do contato de forma abrupta e indolor. “Associamos ‘leveza’ ou ‘ausência de peso’ à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leve viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos.” (BAUMAN, 2001, p. 7).

Bauman (2008) também constata que a sociedade contemporânea visa o produto pronto, a satisfação intensa e momentânea, enquanto o amor requer dedicação e investimento que normalmente se adquire em longo prazo. Logo, se faz uma ambivalência entre amor e o desejo. O desejo é envolvente, consumista e avassalador, enquanto o amor mantém, encarcera e possui. Não há repressão dos impulsos. Oposto a isso, existe certo incentivo que amplia o consumo para além dos bens materiais, se estendendo também ao outro.

Bauman (2004), também revela o padrão de consumismo dos relacionamentos amorosos, característico da sociedade moderna capitalista: eles não se atêm a compromissos e promessas duradouras. Ocorrem simplesmente pela satisfação. Quando este acaba, é substituído por outro que possa oferecer nova proposta de prazer. “A solidariedade humana é a primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor.” (BAUMAN, 2004, p. 96). Da mesma forma, a segurança da união também é automaticamente substituída pelas ilusões momentâneas de prazer, normalmente frustrantes e geradoras de ansiedade, rompendo com as formas de amor consideradas tradicionais.

Por conseguinte, o homem contemporâneo tem por natureza levar vantagens naquilo que investe. Em acordo com Freud, Bauman (1996) discorda do mandamento bíblico que cita “amar ao próximo como a si mesmo” no que compreende a essência do homem. O amor líquido de Bauman (2004) não é visto como algo permanente, mas como uma troca de favores e interesses. Portanto, as relações amorosas da sociedade líquida são frouxas e leves. Ao mesmo tempo em que o sujeito deseja um relacionamento duradouro e estável nos moldes burgueses, tem mostrado não estar disposto a abrir mão de sua liberdade.

Retomando a internet como via de contato muito presente na contemporaneidade, as relações são desconectadas ou excluídas com um simples clique, quando não existe mais interesse. Como crítica, Bauman (2004) afirma que o contato olho no olho está morrendo, fazendo com que o sujeito permaneça imerso à solidão dentro do seu quarto, frente ao seu computador. Baseado nesta ideia Bauman (2004) assinala que:

Diferentemente dos “relacionamentos reais” é fácil entrar e sair dos “relacionamentos virtuais”. Em comparação com a “coisa autêntica”, pesada, lenta e confusa, eles parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender e manusear [...]. Um jovem de 28 anos da Universidade de Bath apontou uma vantagem decisiva da relação eletrônica: “Sempre se pode apertar a tecla de deletar. (BAUMAN, 2004, p. 12)

Para Kristeva (2012), o amor corre risco de entrar em extinção, estando ameaçado por bate-papos online, mensagens de texto e redes sociais, que roubam o lugar das experiências práticas do encontro e até mesmo o fanatismo entre casais que eclodia no amor. Para ela, não existe garantia que o mundo contemporâneo tenha espaço para as paixões devido à automatização do homem e a necessidade da segurança.

Birman (2012) explora de que forma as mudanças que ocorrem em diversos níveis sociais acometem a subjetividade do indivíduo, investigando as configurações de mal-estar que podem provocar. O sujeito atual está incluído mais na ordem do espaço do que no registro do tempo. Estas relações estabelecidas entre tais categorias oferecem informações respeitáveis sobre sua estrutura. O aperfeiçoamento da experiência subjetiva estaria vinculado à predominância da exibição e do aumento da amplitude da imagem. Esse lugar mostra um sujeito não mais introspectivo em relação ao pensamento, mas um ser externalizado, que o impulsiona para a ação e controle do corpo. Afirma que a subjetividade se encontra na experiência do abatimento, lançando o sujeito na solidão, impedindo o diálogo, impossibilitando de se submeter à ajuda do outro.

De acordo com Costa (1998), o amor ou as formas de amar são subjetivos. Assim, diante dos fenômenos que acompanham a contemporaneidade, é possível constatar uma customização

dos relacionamentos, em que cada casal, homossexual ou heterossexual, constrói a sua forma única de relação. Historicamente, um exemplo clássico apresentado é o amor de Romeu e Julieta, que sugere formas de pensar e sentir o amor, naturalizando e caracterizando fortemente este sentimento. Seria, portanto ele, algo aprendido e perpetuado por meio da repetição? As formas de amar estão baseadas no contexto social e são seletivas. O preconceito racial, de classes e gêneros contribuem para as escolhas dos parceiros. Logo, o sentimento não é o único fenômeno que move as formas de amar. As imposições construídas ao longo do tempo participam ativamente das decisões e levam às escolhas mais simples e naturais, em que pessoas compartilham ideias e se reconhecem entre si.

O amor é sempre feito de paixão e razão, já que é uma crença emocional. Entretanto, uma vez que o amor é crença sobre o que tem relevância moral, o problema é definir 'o que devemos' amar no objeto amado, ou seja, que propriedades devem ter quem amamos com paixão e com razão (COSTA, 1998, p.179).

Goldenberg (2001) acrescenta que o cenário contemporâneo é flexível em relação aos tempos passados e no que diz respeito às regras impostas para relacionamentos amorosos, permitindo, assim, a personalização, sendo possível criar relações adaptadas conforme ideais, desejos e não simplesmente repetir formas anteriores. Sendo assim, os ingredientes para as relações podem ter pitadas do antigo e do novo, tornando-se exclusiva e personalizada.

Giddens (1993) analisa o cenário atual das relações amorosas de maneira otimista, afirmando que as novas formas de relacionamento observadas criam condições que buscam igualdade e democracia, impactando a vida social do sujeito. Baseado nessa ideia, lança mão de três conceitos nomeados por ele de amor confluyente, sexualidade plástica e relacionamento puro. O amor confluyente não estabelece monogamia e heterossexualidade como princípios, diferente do amor romântico, base de muitos relacionamentos amorosos. Também não se pauta por fantasias de completude e identificações projetivas, mas tem como objetivo que as pessoas tenham oportunidade de se tornarem sexualmente realizadas, buscando igualdade nas trocas dos afetos e no envolvimento emocional, sendo o elemento chave deste conceito a realização do prazer sexual de ambos. Logo, quando o amor confluyente se consolida, a "pessoa especial" é deixada de lado para que se viva um "relacionamento especial", busca essa que se distancia da ideia de "para sempre" e "único" vinculado ao amor romântico. O que faz com que esse relacionamento dure é a aceitação de que cada um receba desta relação algo benéfico para que sustente sua continuidade (GIDDENS, 1993).

A sexualidade plástica se pauta na libertação das necessidades de reprodução, originada na tendência de reduzir a família e na difusão dos métodos contraceptivos modernos e tecnologias reprodutivas. Para Giddens (1993), se relaciona a algo fundamental, como a reivindicação do prazer sexual da mulher, antes somente relacionado à procriação.

Por fim, Giddens (1993) apresenta o terceiro e último conceito que foi chamado por ele de relacionamento puro, no qual se caracteriza por ser uma relação pautada na intimidade, na confiança e no compromisso. Nele, não há a ideia de "até que a morte nos separe", mas na possibilidade de durar ou não, possuindo como parâmetro importante o desejo dos parceiros. A existência do compromisso é importante para que ele tenha chance de durar, porém não garante ausência de sofrimento, caso venha a se dissolver.

O “relacionamento puro” tende a ser, nos dias de hoje, a forma predominante de convívio humano, no qual se entra “pelo que cada um pode ganhar” e se “continua”, apenas enquanto ambas as partes imaginem que estão proporcionando todas as satisfações suficientes para permanecerem na relação (GIDDENS, 1993, p. 68).

Giddens (1993) também ressalta que o mundo caminha para uma igualdade sexual crescente, mas que ainda causa estranheza em muitas pessoas, pois durante muito tempo os homens foram diretamente relacionados à necessidade de variação sexual para sua própria saúde física, como se fosse algo colado à sua natureza. Houve uma minoria de mulheres que fugiram desse comportamento esperado para elas, mas em sua maioria foram e ainda são divididas entre virtuosas e perdidas.

Assim, no caso de a mulher se envolver com o adultério, sua atitude era considerada “uma violação imperdoável da lei de propriedade e da ideia de descendência hereditária.” (STONE, 1990, p. 7), citado por Giddens (1993), o que instaurava nelas, casos fugissem a essa regra, ações altamente punitivas. Desta forma, o que vemos acontecer atualmente também parece ser o grito das mulheres em não mais aceitar a forma de dominação masculina, fato que impacta e transforma sua existência em vários âmbitos, gerando também novas demandas e ansiedades. Todo esse envolvimento, Giddens (1993) vai chamar de “experiências sociais do cotidiano”, estabelecendo mudanças sociais que obrigam a ocorrência de um movimento.

Um estudo realizado por Rubin (1985), citado por Giddens (1993), envolvendo casais heterossexuais nos Estados Unidos, revelou frestas dessas transformações. Uma adolescente de 16 anos, ao ser questionada se tinha relações sexuais com seu namorado, respondeu que não havia razões para não fazerem amor, pois se amavam. Acrescentou que não sabiam se iam se casar ou estariam juntos no próximo ano, pois faltava muito tempo até lá, mas que não tinham vontade de ficar com mais ninguém por enquanto. Ao final da resposta perguntou: “Isso é um compromisso, não é?”.

Rubin (1985), citado por Giddens (1993), destaca também que a inocência entre os adolescentes hoje é vista como falsa. Sua pesquisa apontou que muitos jovens ainda desejam certo tipo de inocência por parte das adolescentes, sendo revelado por essas entrevistadas a necessidade de mentir para seus futuros maridos sobre a extensão de suas experiências sexuais anteriores. Ou seja, mesmo estando em meio a transformações em vários âmbitos envolvendo formas de se relacionar, ainda existem tabus culturalmente construídos em nossa sociedade.

Além disso, Rubin (1985), citado por Giddens (1993), mostra que quando o casamento acontece nos dias atuais, há uma expectativa muito maior envolvendo a vida sexual, tanto dos homens quanto das mulheres. Elas esperam proporcionar, mas também receber prazer sexual, diferente do que ocorria nas gerações anteriores. Assim, uma vida sexual satisfatória é um requisito presente e o que leva muitas mulheres a terem relações extraconjugais na mesma proporção que aquela dos homens, em casos de insatisfação com o parceiro atual. Por conseguinte, Costa (1998) desconstrói a forma natural e universal construída para o amor. Para ele, se trata de algo passível de ser reformulado, adicionando uma dimensão racional e colocando-o como algo opcional, não negando seu impulso, porém salientando a variação do que pode excitar ou atrair. Tal fato associa vontade e características racionais, refletindo

também aspectos culturais, psicológicos e outros fatores imbricados às relações amorosas. Portanto, a experiência amorosa pode variar, como afirma: “o amor é seletivo como qualquer outra emoção presente em códigos de interação e vinculação interpessoais.” (COSTA, 1998, p.17).

Assim sendo, conforme afirmam Goldenberg (2001) e Vaitsman (1994), citados por Amorim e Stengel (2014), surge o cenário no qual novas formas de parcerias amorosas não são somente reproduzidas, mas também inventadas, afinal, o sujeito se vê diante da chance de criar o casal, relacionamento e família que quer para si, o que dá um caráter customizado para as relações, no sentido de que partem de um modelo preexistente, porém rompem com paradigmas e moldes estabelecidos.

As queixas se multiplicam e as respostas não aparecem. A busca de terapias tradicionais ou alternativas cresce criando um mercado de infelicidade bastante rentável. Livros de autoajuda vendem, aos milhões, ensinando que o sucesso é ser feliz. Remédios milagrosos prometem a felicidade e o prazer instantâneos. Encontros virtuais substituem a difícil convivência de um casal. Cada vez mais, a grande imprensa e a televisão debatem a questão. Apesar da evidência de um problema generalizado, ainda são poucos os estudos científicos que ajudam a compreender esta epidemia de insatisfação amorosa. A exacerbação do individualismo, e a reivindicação de espaço e de realização pessoal têm anulado qualquer possibilidade de tolerância necessária para uma convivência pacífica dentro de quatro paredes (GOLDENBERG, 2001).

Chaves (2004), citado por Vieira e Stengel (2012), pontua que alguns conceitos foram deixados de lado, outros permanecem vivos ou reconfigurados, acompanhados de valores como a individualidade, a liberdade e a igualdade. Essa mistura mostra uma tentativa de conciliação dos desejos, dos comportamentos e dos valores hierárquicos e igualitários, ressignificando as formas conjugais, rompendo barreiras entre o tradicional e o moderno e se aproximando da ideia de Chaves (2004), citado por Vieira e Stengel (2012), sobre os múltiplos formatos do ideário amoroso.

Entretanto, para Bauman (2004), até mesmo nos relacionamentos atuais configurados de formas múltiplas, a segurança se apresenta como uma questão muito importante, visto a necessidade de amparo frente aos momentos de dificuldade, além da vontade de compartilhar momentos de satisfação juntos. Compara o relacionamento ao automóvel, que necessita de revisões regulares para garantir o bom funcionamento de todas as partes. Traz o compromisso como sendo a armadilha das relações, pois é ele que trará ou não a segurança e confiança. “[...] em nosso mundo de furiosa ‘individualização’, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo e não há como determinar quando um se transforma no outro.” (BAUMAN, 2005, p. 8).

Também acrescenta que a vivência líquida carrega consigo o sentimento de que se manter a certa distância do outro é uma forma de sobreviver e evitar sensações desagradáveis, uma vez que o contexto atual apresenta a grande possibilidade de violar e ameaçar a segurança emocional pela forma fluida de se relacionar.

Desse ponto de vista, Bauman (1997, p. 156) afirma que “o mal-estar da pós-modernidade nasce da liberdade, em vez da opressão,” destacando que há um preço a se pagar devido às novas possibilidades de se viver e se relacionar, oriundas da contemporaneidade.

Assim, nesse contexto, amar se relaciona a algo perigoso, imprevisível, arriscado e que vai no sentido contrário à essência da capacidade de amar. Nessa configuração, o outro é visto como algo passível de se tornar obsoleto e dispensável, que só adquire importância na medida em que atendam aos desejos egoístas, acarretando também em um temor no estabelecimento de relações amorosas ditas concretas. “É preciso diluir as relações para que possamos consumi-las.” (BAUMAN, 2004, p.10).

Costa (1998) concorda com tal constatação, afirmando que o estabelecimento de relações mais superficiais, que não impactam na liberdade do sujeito, está interligado por tais relacionamentos e que não se caracterizaram com o amor considerado verdadeiro, mas apenas a um relacionar-se qualquer. Além disso, indica que o sujeito prefere a solidão atrelada à possibilidade de começar outro relacionamento, a se manter com alguém apenas por hábito. Nesse sentido, Rudio (1991), citado por Santos (2010), constata a possibilidade do sentimento de solidão nas vivências destes relacionamentos amorosos. Ela se faz presente afetando o sujeito, adquirindo a sensação de se estar só, pois apesar de o outro existir e se fazer presente, não há proximidade psicológica, ligação emocional e vínculo. Assim, é importante analisar que o que "caracteriza a solidão é a consciência que o indivíduo tem de estar sozinho acompanhado de um sentimento penoso de desamparo e de uma carência premente de alguém que lhe possa dar apoio." (RÚDIO, 1991, p. 12).

Além disso, de acordo com o pensamento de Costa (1998), os sujeitos carregam uma expectativa alta em seus relacionamentos amorosos, porém em muitos casos não questionam a forma como eles vivem essas relações. Existe ainda um legado que a aspiração romântica deixou, dificultando a análise crítica do sentimento amoroso vivenciado. Portanto, adotando o ponto de vista de Costa (1998), que o amor é algo que se constrói, os indivíduos devem buscar formas e maneiras de vivê-lo, objetivando diminuir o sofrimento e, conseqüentemente, ser mais feliz dentro de seus relacionamentos. “Como fazer da vida aquilo que queremos e não a cópia do que quiseram por nós?” (COSTA, 1998, p. 22).

Além disso, concorda com Bauman (2004) quando afirma:

Vivemos numa cultura narcísica, inibidora da experiência amorosa. Aprendemos a “querer tudo” porque nos julgamos “uma totalidade” que não pode apresentar fraturas. O outro só “é desejado se enriquece nosso ser”. Se, ao contrário, nos pede sacrifícios, é rejeitado de pronto. (COSTA, 1998, p. 133)

Assim, vê-se um cenário no qual o sujeito assume a responsabilidade de ser dono de seu bem-estar, mas precisando ao mesmo tempo lidar com inseguranças, mudança de valores, de direção e incertezas, característicos desse novo contexto social pulverizado. A fragilidade dos relacionamentos afetivos parece, nesta busca, tentar conciliar os valores individuais e a conjugalidade presente no convívio do casal, afinal eles carregam relevância e um peso à parte na vida social do sujeito. Se antes o amor romântico designava que fosse eterno na medida em que durasse, hoje a singularidade do outro é considerada empecilho para a busca do prazer tão valorizado e almejado, trazendo para a contemporaneidade, além de avanços de importância inegáveis, diversos desafios e possibilidades de ocorrências de conflitos para os sujeitos (BAUMAN, 1998).

CONCLUSÃO

Sendo assim, é possível perceber e comparar que as relações amorosas não seguem mais somente as formas anteriormente estabelecidas e vivenciadas. Talvez, essas novas configurações de amar permitam a construção de um novo sentido para a palavra amor, que envolve não apenas o fogo da paixão, mas uma série de questões como o respeito, a dignidade, a liberdade, a igualdade de gêneros e a segurança. Essas transformações proporcionaram maior liberdade na escolha dos relacionamentos amorosos, trazendo para a realidade a opção de ter, pensar a respeito dos prós e contras das relações e a forma como se quer vivê-las. O amor líquido, cunhado por Bauman (2004), constata o grande desejo do sujeito em desfrutar a parte prazerosa do relacionamento amoroso, buscando evitar os momentos difíceis, que podem estar presentes em qualquer relação. Além disso, assim como nos vínculos de consumo, o outro pode ser tratado e avaliado de acordo com a satisfação que pode proporcionar, em uma lógica na qual se entra e permanece no relacionamento enquanto existirem os ganhos.

A ideia de se ter um relacionamento concreto também é atrelada à perda de novas possibilidades e a de ser um obstáculo pelas renúncias muitas vezes presentes em uma cultura que passou a valorizar fortemente o individualismo e independência. Além disso, considerando que a própria satisfação está em evidência, a singularidade do outro pode ser descartada.

O relacionamento puro de Giddens (1993) aponta aspectos que concordam com o amor líquido de Bauman (2004), na medida em que coloca a relação em si como principal motivadora para que o casal permaneça junto. Destaca que existe um interesse em buscar soluções para as questões que surgem na vida a dois, com o objetivo de controlar os desgastes e imaginar o futuro do casal com qualidade no amor.

Outra característica destacada por Giddens (1993) é a de que a relação pode ser terminada a qualquer momento por ambos os parceiros, trazendo para o convívio do casal o sentimento de insegurança proporcionado por essa tal liberdade. Assim, não havendo um código rígido imperando na relação amorosa, ela é pautada por regras próprias, estabelecidas entre o casal, a fim de resolver os impasses da relação na medida em que eles vão surgindo.

É constatada também a existência de uma moral dupla, na qual ao mesmo tempo em que são buscadas sensações relacionadas ao prazer ainda permanece a procura de sentimentos mais profundos, característicos do ideal romântico. Assim, o mundo contemporâneo trouxe diversas formas de se viver como um casal, fato que trouxe avanços; porém, também se configura como um desafio, visto à complexidade das questões que surgem neste contexto. Analisando as novas configurações de amor, Birman (2012) verifica a produção de um homem ansioso e solitário, que se encontra em meio a uma busca incessante de ter um amor para a vida, porém, não se permite vivenciar tal sentimento por completo, pois é tomado pelo medo da entrega ao outro. O sujeito se vê diante a opção de arriscar e tentar desenvolver um relacionamento com suas perdas e ganhos, ou ser descartado precocemente e sofrer a dor de não servir mais.

Em vista disso, algumas características que já estiveram presentes nas relações amorosas parecem não se encaixarem mais nos dias atuais e a não atenderem às demandas da contemporaneidade. Dessa forma, no cenário atual, é importante pensar a relação, perceber

e sentir seu significado, estabelecer os laços afeitos e manter um relacionamento que permita a realização dos desejos individuais e coletivos de acordo com o que o casal almeja.

Dessa forma, devido ao contexto aqui caracterizado, Bauman (2004) alerta que os relacionamentos amorosos necessitam de dedicação, compromisso e desprendimento de energia para obter resultados satisfatórios. Além disso, afirma também que o sujeito inseguro e solitário da contemporaneidade tem a era cibernética ao seu lado, no qual muitas questões são resolvidas por meio de um clique. Ela parece ser uma boa solução para quem deseja se relacionar, mas manter certo distanciamento, já que por meio dela também é possível iniciar qualquer tipo de relação, sem desenvolver sentimentos fortes e passíveis de evoluírem para algo mais concreto. Assim, a tela do computador permite ao sujeito vestir sua máscara e “atuar” da forma que mais for atrativa ao olhar do outro, para, a partir do momento que a relação virtual não for mais cativante, deletar e buscar outra pessoa que seja novamente mais encantadora para o momento.

Assim, os ventos sopram cada vez mais para o enclausuramento do homem, que se equipa para a sua sobrevivência em quatro paredes, sem necessitar de contato com o outro ou o convívio em comunidade, que para o homem moderno pode não passar de uma mesmice. Ademais, em meio a tantas modificações, o sexo também ganha nova roupagem. Pautado no que diz Giddens (1993), o amor é baseado em recompensas e benefícios para ambos, logo, o prazer sexual é importante e deve se fazer presente para que o casal mantenha um relacionamento satisfatório. Parte disto também se deve a mulher, que conquistou o direito de sentir prazer no ato sexual. Emancipação essa que deu margem às demais oportunidades de decisões para a população feminina, impactando nas constituições das relações amorosas, pois, hoje, a mulher decide se casa ou permanece solteira, se quer ser mãe ou não, se quer sexo com homem ou com outra mulher ou quem sabe até com os dois.

Estranhamento? Sim! As diversas maneiras de viver a relação amorosa na contemporaneidade causaram e ainda causam bastante impacto aos conservadores do amor vivenciado de formas mais tradicionais. Portanto, segundo pontuou Bauman (2001), é importante manter no estabelecimento das relações afetivas as questões éticas e o respeito pelo indivíduo, que é dotado de particularidades e demandas subjetivas, praticando, além disso, o exercício da alteridade, para que esta ligação entre amor e a razão seja possível e harmoniosa, afinal é neste mundo que o homem está imerso, tendo em vista buscar e realizar sua vida e prazer.

Sendo assim, esse artigo buscou mostrar as transformações que os relacionamentos amorosos passam e estão passando, possibilitando um maior enriquecimento e contribuição a uma experiência vivenciada pela maioria dos indivíduos e seres sociais. Essas e outras questões podem ser levadas a campo, ouvindo as pessoas e seus pontos de vista, afinal, somos sujeitos ativos, passivos e atores principais no contexto das relações amorosas.

AGRADECIMENTOS

É com muita alegria e satisfação que agradecemos nossos amados pais, amigos e familiares pelo amor e apoio que nos dedicaram e doaram, contribuindo para a realização deste trabalho. A todos os professores que influenciaram nossa formação acadêmica, especialmente o

querido orientador, mestre Ricardo. Aos nossos colegas de graduação, que juntamente conosco sorriram e sofreram as aflições de ser estudante. A todos aqueles que acreditam na nossa conquista: este não é o fim, estamos apenas dando um pontapé inicial rumo a uma nova história.

Muito obrigado!

REFERÊNCIA

AMORIM, Ana Nascimento de; STENGEL, Márcia. Relações customizadas e o ideário de amor na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 19, n. 3, p. 179-188, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2014000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 Ago. 2016.

ARAUJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 70-77, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 de Ago. 2016.

BARONCELLI, Lauane. Amor e ciúme na contemporaneidade: reflexões psicossociológicas. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 163-170, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000100018&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 de ago. 2016.

BAUMAN, Zygmund. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **O sujeito na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

COSTA, Crístoper Batista da; MOSMANN, Clarisse Pereira. Relacionamentos conjugais na atualidade: percepções de indivíduos em casamentos de longa duração. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, p. 16-31, 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 abr. 2016.

COSTA, J. F. **Sem fraude nem favor**: Estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COUTINHO, Sabine Mantuan dos Santos; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: "Que seja terno enquanto dure". **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 83-106, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 set. 2016.

FALCKE, Denise; ZARDAN, Eliane. Amor, Casamento e Sexo: Opinião de Adultos Jovens Solteiros. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, vol. 62, n. 2, p. 143-155, 2010. Disponível em: <<http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/427/458>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

FROMM, Erich. **Análise do Homem**. Tradução de Octavio Alves Velho. 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp, 1993.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas S.A., 1996.

GOLDENBERG, Mirian. Sobre a invenção do casamento. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, vol.1, n. 1, p. 89-104, 2001. Disponível em: <<http://miriangoldenberg.com.br/images/stories/pdf/casal.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2016.

GUEDES, Dilcio; ASSUNCAO, Larissa. Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). **Rev. Mal-Estar**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielophp?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 de abr. 2016.

KRISTEVA, Julia. **Histórias de amor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. 4 ed. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

OLIVEIRA, Denize Cristina de; et al . "Pegar", "ficar" e "namorar": representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 60, n. 5, p. 497-502, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000500003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 set. 2016.

RODRIGUES, Karla Salgado Rolim. A crise do amor romântico na contemporaneidade. **Web artigos**, 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-crise-do-amor-romantico-na-contemporaneidade/21686/>> Acesso em 13 ago. 2009.

SANTOS, Rodrigo Osório Dos. **Solidão nas relações amorosas da contemporaneidade**. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade Católica de Petrópolis, Centro de Ciências da Saúde, Petrópolis, 2010. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos3/solidao-relacoes-amorosas-contemporaneidade/solidao-relacoes-amorosas-contemporaneidade2.shtml#anexoa>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

VIEIRA, Érico Douglas; STENGEL, Márcia. Ambiguidade e fragilidade nas relações amorosas na pós-modernidade. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campo Jataí**, Goiânia, v. 2, n. 13, p. 1-19, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/rir/article/viewFile/22338/19244>>. Acesso em: 16 jun. 2016.